



## INTERACIONISMO EM AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: UM CAMINHO TEÓRICO MARCADO POR MUDANÇAS

DOI: 10.48075/ri.v24i2.28680

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Colocamos em destaque o caminho empreendido pela pesquisadora brasileira Cláudia de Lemos, no campo da aquisição de linguagem, em busca de uma teoria que pudesse dar conta de questões relacionadas à investigação do percurso linguístico da criança. Apresentamos algumas de suas principais discussões acerca de uma proposição teórica sobre a linguagem que contempla a fala de crianças enquanto fala não-analisada, isto é, de uma teoria fundamentada na relação sujeito/língua, que se afasta da noção de aquisição como resultado de estágios de desenvolvimento. Nessa perspectiva, focalizamos a proposta de diálogo como unidade de análise e a visão estrutural de análise linguística. Além disso, retomamos pontos importantes da formulação teórica da autora como a noção de captura, em que a criança seria capturada pela linguagem antes mesmo de começar a falar, e, ainda, a noção de sujeito como efeito da linguagem, constituído a partir da relação com o outro-falante. Com isso, é ressaltada a importância de se admitir que as mudanças e reformulações do interacionismo, enquanto proposta teórica, mostram que a interação é a condição necessária para o processo de aquisição da linguagem.

**Palavras-chave:** Aquisição de Linguagem; Interacionismo; Fala da Criança.

## INTERACTIONISM IN LANGUAGE ACQUISITION: A THEORETICAL PATH MARKED BY CHANGES

**ABSTRACT:** We highlighted the path undertaken by the Brazilian researcher Cláudia de Lemos, in the field of language acquisition, in search of a theory that could account for issues related to the investigation of the child's linguistic path. We present some of her main discussions about a theoretical proposition about language that contemplates children's speech as non-analyzed speech, that is, of one theory based on the subject/language relationship that departs from the notion of acquisition as a result of developmental stages. In this perspective, we focus on the dialogue proposal as a unit of analysis and the structural view of linguistic analysis. In addition, we take up important points of the author's theoretical formulation as the notion of capture, in which the child would be captured by language even before it begins to speak, and, also, the notion of subject as an effect of language, constituted from the relationship with the other-speaker. Thus, we emphasize the importance of admitting that the changes and reformulations of interactionism, as a theoretical proposal, show that

<sup>1</sup> Doutora e Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professora da Rede Pública de Ensino de Pernambuco. E-mail: magdapcarvalho@hotmail.com

interaction is the necessary condition for the process of language acquisition.

**Keywords:** Language Acquisition; Interactionism; Child's speech.

## INTRODUÇÃO

O interacionismo em aquisição de linguagem proposto pela pesquisadora brasileira Cláudia de Lemos, no campo da aquisição de linguagem, é fortemente marcado pelo esforço teórico dessa autora na tentativa de analisar a fala inicial de crianças. O início de seu percurso se deu a partir de sua pesquisa de Doutorado quando constatou a dificuldade de descrever a fala infantil. Segundo Lemos (1999), essa dificuldade decorria do que a fala da criança espelhava da fala do adulto. Desse modo, o caminho encontrado para investigar a fala da criança, inicialmente, foi o da psicologia, mais precisamente nos trabalhos em aquisição de linguagem inspirados em teorias psicológicas sobre o desenvolvimento, como os estudos conduzidos por Jerome Bruner, por exemplo.

O contato com essas pesquisas fez com que Lemos (1982) se deparasse com um dilema que limitava a investigação de como a criança adquire sua primeira língua. Isso porque o compromisso em identificar e explicar as mudanças que definiriam o processo de aquisição, bem como a descrição dos enunciados representativos de cada período do desenvolvimento restringia a descrição da produção linguística da criança a categorias como *nome* e *verbo*, *agente*, *objeto*, traços semânticos e regras sintáticas.

Essa descrição categorial, de acordo com Lemos (1982), contribuía para uma higienização dos dados e, por consequência, o que poderia servir de contraevidência às descrições formuladas era deixado de lado. Em vista disso, a autora (1982) passou a observar os segmentos da fala adulta incorporados pela fala da criança em determinados esquemas interacionais. A partir do que observou, Lemos (1982) entendeu que havia uma relação formal entre a fala da criança e a fala do outro (adulto) e tentar encaixar essa fala em categorias específicas levaria o investigador a desconsiderar as irregularidades e heterogeneidades próprias da fala inicial.

Com isso, Lemos (2002) afirma ter percebido a dificuldade de encontrar nas descrições oferecidas pela teoria linguística o apoio para analisar a fala da criança. Em vista desse impasse, a autora passou a atribuir estatuto de enigma à fala da criança e a

empreender um movimento teórico em busca de respostas acerca da passagem “da criança de infans a sujeito-falante” (LEMOS, 2002, p. 56).

Passemos, então, às principais discussões dessa autora.

## DIÁLOGO COMO UNIDADE DE ANÁLISE

Diante da dificuldade de descrever a fala infantil, o que emerge em um primeiro momento no trabalho de Lemos é a noção de *processos dialógicos*, que visava dar um estatuto descritivo à relação entre a fala da criança e a do adulto. Dessa forma, a proposta inicial da autora (1982, 1989) articula, simultaneamente, língua e outro, pois, em sua compreensão, a fala da criança exibia uma relação com a fala da mãe que ia além da dependência ou, em outros termos, “que ia além do espelhamento” (LEMOS, 1999, p. 13). Diante disso, o diálogo foi tomado como unidade de análise e, também, como lugar de inserção da criança na linguagem.

Convém realçar que a noção de *processos dialógicos* trata tanto das relações entre os enunciados da criança e os do adulto quanto de processos linguísticos. Nomeados como processo de *especularidade*, *complementaridade* e *reciprocidade*, o primeiro processo, *especularidade* (1982, 1989, 2002), refere-se à incorporação pela criança de parte ou de todo o enunciado do adulto, como no episódio apresentado pela autora (2002) em que, terminada a refeição, a criança (L.) mostra-se impaciente para sair do cadeirão, a mãe (M.) percebe a inquietação da criança e questiona:

- (1) M.: Quer descer?  
L.: qué  
M.: Você quer *descer*?  
L.: *decê* (LEMOS, 2002, p. 46).

Nesse episódio, observamos que a criança incorpora e repete parte do enunciado do adulto. É importante notar que, embora os dois enunciados do adulto apresentem estruturas semelhantes, a criança reproduz apenas as formais verbais “qué” e “decê”. Com isso, a especularidade é entendida como o processo em que o outro se apresenta como um espelho para a criança e essa, por sua vez, aponta para uma relação com a língua através da subordinação à fala do outro.

O processo de *complementaridade*, na proposta de Lemos (1982, p. 114), “resulta da incorporação de parte do enunciado do adulto imediatamente precedente e de sua

combinação com um vocábulo complementar”. Um dos episódios representativos desse processo foi apresentado no trabalho “Sobre a aquisição de linguagem e seu dilema (pecado) original” (1982) em que a criança (C.), enquanto brincava com blocos coloridos, respondia ao adulto (A.) perguntas sobre cor e quantidade. Observemos:

- (2)                   A.: De que cor é esse?  
                           C.: Malélo (= amarelo)  
                           A.: Amarelo?!  
                           C.: Não. Cinco! (LEMOS, 1982, p. 115).

A respeito desse processo, Lemos (1982) afirma que nas respostas de tipo complementar o elemento enunciado pela criança “depende da história de um esquema interacional” (LEMOS, 1982, p. 115). Nesse episódio, por exemplo, é possível notar que o último segmento de fala da criança em resposta à pergunta do adulto parece, inicialmente, que não faz sentido. No entanto, como o diálogo foi produzido numa situação em que a criança brincava com blocos e o adulto fazia-lhe perguntas sobre cor e quantidade, o enunciado “Não. Cinco!” pode ser interpretado como resultado de uma instanciação do esquema interacional no qual a criança se encontrava, ao responder sobre cores e números.

No que diz respeito à *reciprocidade*, Lemos (1989) sugere que é o processo em que a criança passa a assumir os papéis dialógicos, isto é, quando ela inicia o diálogo. Um exemplo desse processo pode ser observado no episódio em que a criança (C.), enquanto brincava no chão, dirige-se à mãe (A.), que está sentada no sofá, e diz:

- (3)                   C.: ivanta  
                           A.: Levanta do sofá?  
                           C.: livanta do sofá.  
                           A.: E o que é que eu vou fazer? O que é que eu vou fazer?  
                           C.: Ai!  
                           A.: O que é que eu vou fazer? Fala pra mim o que que eu vou fazer que aí eu levanto. Fala pra mim o que é que é pra fazer.  
                           C.: É pra fazê levanta (LEMOS, 1989, p. 6).

Nessa situação, observamos que a criança é quem instaura o diálogo enquanto a mãe, no papel de interlocutor, atribui significado e intenção ao enunciado da criança. É interessante notar que, ao receber um questionamento como resposta, a criança ecoa o enunciado do adulto para fazer-se compreender. Nesse caso, quando a criança espelha o que foi dito pelo adulto, como no segundo segmento de sua fala – “livanta do sofá”, é possível perceber indícios de que no processo de reciprocidade o de especularidade também está presente.

Cumprir observar, nesse episódio, que ao ser interpelada pela mãe acerca da razão para que levante, a criança apresenta no último segmento o que parece representar o processo de complementaridade, uma vez que, ao dizer “É pra fazê levantar”, a criança incorpora parte da fala da mãe e ainda complementa. Nesse caso, o processo de reciprocidade, embora seja definido por Lemos (2002, p. 47) como “retomada pela criança do papel da mãe”, em que a criança passa a assumir posições no diálogo, antes assumida pelo adulto, também poderá comportar os outros dois processos (especularidade e complementaridade).

Diante disso, os processos de reciprocidade e complementaridade foram “abandonados”, posteriormente, e a atenção de Lemos ficou voltada apenas ao processo de *especularidade*, já que na base dos processos de reciprocidade e de complementaridade está o de especularidade. Cumprir ressaltar que, para autora (2001), o termo “especularidade” serviu-lhe para escapar ao termo “imitação” e, mais ainda, para dar reconhecimento à importância da noção de espelhamento no outro.

Nessa perspectiva, a ideia de espelhamento permitiu a Lemos (1989) interrogar a linguagem como objeto de conhecimento e colocar a questão do sujeito de uma maneira que a distanciava dos estudos feitos com base na noção de desenvolvimento. Em vista disso, a proposta de processos aponta para aspectos que “precedem o ‘conhecimento’ linguístico” (LEMOS, 1989, p. 5) e revela uma atividade conjunta entre o outro-falante e a criança.

A partir disso, Lemos (1989) declara que os processos de dependência dialógica, pelos quais a criança passa na sua relação com o adulto cuidador, assinalam sua condição como intérprete do outro, de si própria e da linguagem, em razão de que essa dependência mostra “uma criança falada pelo outro, imersa na linguagem” (LEMOS, 1989, p. 8) e, por consequência, instrumentada com a linguagem.

Ao interrogar-se (1999) sobre o efeito da linguagem, através da fala do outro e, sobretudo, ao tratar o diálogo do ponto de vista linguístico, Lemos passa a buscar uma teoria sobre a linguagem que pudesse dar conta da passagem da fala da criança, enquanto ser não falante a ser falante. O que nos leva a compreender que a interação com o outro é um dos pontos que a faz repensar e, conseqüentemente, reformular sua proposição teórica.

Lemos (1999) questiona tanto o fato de a criança ao falar ser falada pelo outro quanto o afastamento da fala do outro evidenciado pelos “erros” e enunciados insólitos, que aparecem na fala da criança e dão visibilidade a um movimento da língua.

O reconhecimento dessas produções (erros e enunciados insólitos) e da instância subjetiva apontada pela fala infantil fez a autora (1998[1992]) buscar na psicanálise lacaniana e no estruturalismo europeu o respaldo para fazer da aquisição da linguagem um campo legítimo de observação, com evidência, também, para o outro-falante.

Desse modo, inspirada pela leitura da obra de Jacques Lacan e, em especial, pela releitura que esse psicanalista faz do estruturalismo europeu, mais precisamente das obras de Saussure e de Jakobson, Lemos (1998) passou a tratar os fenômenos que aparecem na fala da criança como resultantes de processos metafóricos e metonímicos.

É importante destacar que, nesse momento de seu percurso, a autora delineia um quadro teórico que lhe permite explicar o funcionamento da língua na fala da criança. Para tanto, valeu-se de aspectos importantes da teoria saussuriana e da reinterpretação dessa teoria feita por Jakobson (2008), tais como as relações de associação (*in absentia*) e combinação (*in praesentia*) como polos metafórico e metonímico. Dizendo melhor, Lemos (1998) toma como referência a proposta de processos metafóricos e metonímicos (o primeiro definido pela substituição de termos e o segundo pela combinação ou contiguidade) para explicar como as estruturas linguísticas podiam ser derivadas de processos linguístico-discursivos.

De acordo com Lemos (1998), na aquisição de linguagem, o enunciado da criança é ouvido e resignificado pelo enunciado do adulto e “é só na medida em que os processos metafóricos e metonímicos se cristalizam em redes de relações que a criança passa a ouvir/ressignificar seus próprios enunciados” (LEMOS, 1998, p. 167) e, por consequência, pode assumir a posição de intérprete de si mesma e do outro.

Desse modo, a observação de como a fala infantil se mostra ao longo da aquisição fez a autora (2000) compreender a fala da criança como heterogênea e imprevisível, o que lhe permitiu reconhecer que os fragmentos de textos anteriores do adulto repõem-se ou retornam na fala da criança, produzindo cruzamentos, amálgamas e substituições, sinalizados pelos “erros”.

Convém por em destaque que esses “erros” não são “erros” que estavam na fala do adulto e foram, posteriormente, repetidos pela criança, mas são ocorrências de natureza linguística, ou como observou Carvalho (1995), são erros “de não saber”, que indicam o efeito de relações entre a fala da criança e a língua (gem). Nessa direção, a fala da criança passa a ser considerada um enigma, ou melhor, algo que interroga o investigador. Isso

acontece porque o movimento da língua, que aproxima palavras ou fragmentos produzindo cruzamentos ou substituições, ainda que imprevisível, não é aleatório, pois a fala da criança, conforme Lemos (1999), aponta para uma instância subjetiva que está aquém ou além do que se pode saber sobre a língua.

Nesse sentido, antes de seguirmos para a próxima formulação da teorização interacionista, trazemos alguns pontos de inquestionável relevância discutidos por Lemos, que podem ajudar a cumprir nosso objetivo de colocar em destaque o caminho empreendido pela autora, em busca de uma teoria que pudesse dar apoio a questões relacionadas à investigação da fala da criança, no campo da aquisição de linguagem.

### **CAPTURA E SUJEITO COMO EFEITO DE LINGUAGEM**

Por razões de ordem teórica e empírica as mudanças da fala da criança foram tratadas por Lemos (2000) como conseqüentes à captura. Cumpre realçar que a noção de captura foi convocada pela autora como possibilidade teórica por entender que criança é “capturada por um funcionamento linguístico-discursivo que não só a significa como lhe permite significar outra coisa, para além do que a significou” (LEMOS, 2002, p. 55).

Lemos (2000a) entende que a captura da criança pela linguagem é anterior à fala e se dá pelo lugar que a mãe confere à criança e a partir do qual a interpreta. Trata-se, então, da captura da criança enquanto corpo pulsional<sup>2</sup>, isto é, enquanto corpo (não-biológico) articulado na e pela linguagem, que “demanda interpretação, pelo funcionamento da língua em que é significada, por um outro como sujeito falante” (LEMOS, 2000a, p. 2).

No texto “Da angústia na infância” (2007), a autora afirma que a noção de captura da criança pelo funcionamento da língua implica a “posição da criança como objeto de desejo do Outro<sup>3</sup> materno, indicador da falta” (LEMOS, 2007, p. 5). Desse modo, desde a formulação dos processos metafóricos e metonímicos como explicativos para o processo de aquisição da linguagem da criança, a noção de sujeito na teorização interacionista tem se

---

<sup>2</sup> A noção de corpo pulsional tem como referência a reflexão de M. T. Lemos (2002) acerca da metáfora do corpo. Essa autora usa o termo “corpo pulsional” como o que se diferencia do corpo-biológico.

<sup>3</sup> O “Outro” (grafado com “O” maiúsculo) indica uma alteridade radical e opõe-se à dimensão do outro (semelhante). Essa diferença de grafia tenta indicar que “o sujeito é tomado por uma ordem radicalmente anterior e exterior a ele, da qual depende, mesmo que pretenda dominá-la” (CHEMAMA, 1995, p. 156).

aproximado da psicanálise lacaniana. Desta forma, o sujeito vem sendo compreendido como efeito da linguagem e constituído com o outro-falante.

Nessa perspectiva, a questão que se coloca é “o que esperar de uma posição teórica construída em torno de uma noção que convoca o momento lógico em que um ser se apresenta como paciente da captura pelo Outro?” (LEMOS, 2007, p. 6).

Uma sinalização de resposta a essa questão é indicada, no texto “A criança e o linguista: modos de habitar a língua?” (2014), quando a autora afirma que o primeiro obstáculo para o linguista que se propõe a analisar a fala infantil é escapar do senso comum e “recusar o termo ‘trajetória’ para nomear o vir-a-ser falante da criança capturada pela língua/linguagem em sua evidente sincronia” (LEMOS, 2014, p. 959), uma vez que fragmentos, palavras e expressões desprendem-se de cenas, falas, discursos para (re)significar outras cenas, falas e discursos.

Mas, que teoria permitiria descrever, analisar e explicar os fenômenos que ocorrem na fala infantil? E, também, como explicar a passagem da criança como ser não falante para falante, sem desconhecer o fato já mostrado por Lacan que a língua é causa de haver sujeito?

Respostas a essas questões foram encontradas por Lemos na psicanálise lacaniana, a partir da compreensão de que o lugar do sujeito na linguagem “está inscrito desde seu nascimento” (LACAN, 1992, p. 226) quando lhe é dado um nome, por meio do qual será reconhecido. Portanto, a criança já está imersa na linguagem e submetida à estrutura do simbólico<sup>4</sup> antes mesmo de sua chegada ao mundo. Isso porque a criança vem ao mundo marcada por um discurso que a insere na linguagem e cujas condições de inserção são criadas pelo outro, geralmente um adulto que ao cuidar da criança acaba introduzindo-a na ordem simbólica.

Movida pela busca de uma definição mais clara acerca do sujeito, na teorização linguística, e instigada pelas questões de Chomsky em relação a “não-observabilidade das propriedades linguísticas” (LEMOS, 2002, p. 55) e da tese de que a criança possui uma capacidade natural para a linguagem, através de uma Gramática Universal radicada na mente/cérebro da criança, Lemos reformula sua proposta visando aprimorá-la.

---

<sup>4</sup> O simbólico é definido como uma “função complexa e latente que envolve toda a atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem” (CHEMAMA, 1995, p. 199).

Assim, nos trabalhos de 2000 e 2002, a autora passa a articular a posição do sujeito às diferentes posições da criança no processo de aquisição da linguagem, já calcada numa visão alternativa à noção de desenvolvimento, em que a mudança de posição da criança é observada em relação à fala do outro, à língua e à sua própria fala, a partir do efeito do funcionamento da língua. Vejamos a seguir.

## VISÃO ESTRUTURAL DA MUDANÇA

A proposta de Lemos (2000, 2002) sugere a adoção de uma visão estrutural do processo de aquisição de linguagem, isto é, apresenta “a passagem de uma visão diacrônica para uma visão estrutural ou, lembrando Saussure, sincrônica” (LEMOS, 2002, p. 57).

Para a autora (2000), as mudanças que qualificam a passagem da criança de *infans* a sujeito falante são mudanças de posição numa estrutura formada por três polos cujas posições “não são ordenáveis entre si, nem são determinadas cronologicamente” (MALDONADE, 2014, p. 4764), mas estruturalmente vinculadas entre a língua, o outro e o próprio sujeito.

Cumprir relevar que nesse momento de seu percurso teórico, a noção de língua como sistema, da linguística saussuriana, é mantida devido ao entendimento de que essa concepção permite abordar a linguagem e seu funcionamento nas falas heterogêneas, resistentes e imprevisíveis da criança, possibilitando uma escuta singular à fala inicial. E é justamente a partir dessa escuta singular que o interacionismo em aquisição de linguagem, como proposto por Lemos, reconhece que “*interação é diálogo e é proposição problemática*” (LIER-DE VITTO; CARVALHO, 2008, p. 124) e permite que a relação da criança com a língua-fala seja compreendida como relação sujeito-língua.

Nesse sentido, a *primeira posição* da fala infantil, na estrutura, é marcada pela dominância da fala do outro, a *segunda* pela dominância do funcionamento da língua e a *terceira* pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala.

Para tornar mais clara essa visão, faz-se necessário apresentar alguns dos exemplos analisados por Lemos (2000b). Vejamos o episódio em que a criança, C., e a mãe, M., folheiam uma revista:

- (4)
- C.: ó nenê/ o auau  
M.: Auau? Vamo achá o auau? Ó, a moça tá *tomando banho*.  
C.: *ava? Eva?*  
M.: É. Tá *lavando* o cabelo. Acho que essa revista não tem auau nenhum.

C.: auau  
 M.: Só tem moça, carro, *telefone*.  
 C.: *Alô?*  
 M.: Alô, quem fala, é a Mariana?  
 (C. 1; 2.15) (LEMOS, 2000b, p. 60).

O episódio 4 é ilustrativo da *primeira posição*, cuja dominância é a do polo do outro. Nessa *posição*, é possível observar a fala da criança referida à fala da mãe, uma vez que parte dessa fala retorna nos enunciados da criança. Cumpre ressaltar que nos segmentos de fala da criança, nesse ponto, não há apenas enunciados que espelham a fala do outro, mas também enunciados que vão além, por exemplo, quando a mãe cita, nesse episódio, a palavra “telefone” e a criança, imediatamente, responde com a expressão “alô?”.

Lemos (2002) explica que a não-coincidência entre a fala da mãe e a fala da criança não se trata de uma referência contextual, mas “de uma relação entre significantes, cuja referência é interna e que, ao mesmo tempo em que aponta para um funcionamento linguístico, faz emergir dessa relação um sujeito” (LEMOS, 2002, p. 58). Em outras palavras, no diálogo estabelecido entre o outro e a criança em aquisição de linguagem, a fala do outro pode convocar, na fala da criança, significantes ausentes da cena, mas presentes em outras situações de interação. Com isso, o que interessa do ponto de vista estrutural, nessa *posição*, “é a escuta da fala da mãe que se revela na fala da criança” (LEMOS, 2002, p. 58), visto que a não-coincidência entre a fala da criança e a do outro pode apontar para a emergência do sujeito.

No que se refere à *segunda posição*, cujo polo dominante é a língua e seu funcionamento, Lemos (2000) apresenta o episódio em que a mãe, M., e a menina, C., estavam jogando bola, a criança faz muito barulho e a mãe a repreende dizendo que ela vai acordar a vizinha, Flávia, que está dormindo. Vejamos:

(5) M.: Esta bola faz muito *barulho*.  
 C.: A Fávia é *nananda*.  
 M.: É, a Flávia *está nanando* e você fica fazendo barulho.  
 (C. 1; 9,15) (LEMOS, 2000, p. 64).

Nessa ocorrência, a autora (2000) observa que o “erro” que aparece na fala da criança se dá como diferença em relação aos significantes do outro, isto é, o que aparece nessa fala e causa estranhamento indica a relação entre saber e falta. Nessa perspectiva, o “erro” dá a ver as relações entre significantes, que circulam na fala da criança, e aponta os deslocamentos e associações de construções linguísticas pela criança.

Desse modo, o enunciado “A Fávia é nananda” pode ser compreendido como um movimento que denota o afastamento do enunciado da mãe, isso porque a substituição de “está nanando” por “é nananda” marca a “relação com uma rede de cadeias latentes, do tipo é bonita/está bonita, é bonito/está bonito” (LEMOS, 2000, p. 65), o que abre espaço para compreendermos a *segunda posição* como a que é marcada por construções linguísticas já conhecidas pela criança.

Cabe realçar que quando a criança está nesse polo, ela se encontra impermeável à correção do outro de seu erro. Em vista disso, Lemos (2000, p. 64) afirma que “o erro traz à tona redes de relações entre cadeias” desencadeadas por significantes que transitam na própria fala da criança. Com isso, o erro é entendido, nessa proposta, como fenômeno que indica “uma dinâmica interna à língua, à qual está subordinada a possibilidade da fala ter uma referência externa – ao outro” (LEMOS, 2000, p. 66). Nesse sentido, esse polo da estrutura é o que caracteriza o distanciamento da fala da criança à fala do outro.

Quanto à *terceira posição*, um dos eventos analisado por Lemos (2000) é o em que uma amiga da mãe da criança, T., riscou no chão um quadro para ela e a criança, C., brincarem de amarelinha, mas um dos quadros não foi riscado. Notemos:

- (6) C.: *Quase que* você não fez a amarelinha.  
T.: O que, Verrô?  
C.: *Faz tempo que* você não fez a amarelinha sua.  
T.: O que, Verrô? Eu não entendi.  
C.: *Está faltando* quadro na amarelinha sua.  
(C. 4; 0.18) (LEMOS, 2000, p. 69).

Nesse episódio, o reconhecimento do erro pela criança e a, conseqüente, correção quando ela substitui “quase que” por “faz tempo que” e, esse, por “está faltando” advém da escuta de sua própria fala. Isso porque a criança não só identifica o “erro” em seu enunciado como substitui expressões que têm relação com o que ela quer dizer. Dessa forma, o que se apresenta como relevante para a compreensão do que Lemos (2000) propõe como terceiro polo da estrutura é o reconhecimento da criança da diferença entre sua fala e a fala do outro, marcado pelas tentativas de produzir seu enunciado.

Nesse sentido, a autora (2000) define a *terceira posição* como sendo a da dominância do polo do sujeito. Sujeito esse dividido “entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la, reformulá-la e reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro” (LEMOS, 2002, p. 56). Nessa perspectiva, a diferença entre a fala da criança e a do outro revela muito mais sobre o sujeito do que sobre a língua, em razão de a

escuta da própria fala e da fala do outro pela criança decorrer não de uma ação da língua sobre si mesma, mas, conforme a autora (2002), de um movimento de linguagem.

A observação da mudança de posição da criança numa estrutura abre caminho para a investigação de uma fala não-analisada para uma fala articulada, conseqüentemente, para a observação da passagem da criança de sujeito não falante para sujeito falante.

Com isso, o trajeto teórico delineado pela autora permitiu não só difundir uma linha teórica que se distancia da noção de desenvolvimento, como também estabelecer a linguística “como lugar onde *o que não se sabe* sobre a linguagem é reconhecido e produz questões” (LEMOS, 1998, p. 8), além de trazer a psicanálise lacaniana para o campo da aquisição de linguagem e, assim, disponibilizar mais uma possibilidade teórica de análise para investigação da fala da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que apresentamos e de nosso objetivo de colocar em destaque o esforço teórico empreendido por Cláudia de Lemos, em busca de uma teoria que pudesse dar apoio a questões relacionadas à fala da criança, fica claro que a inquietação da autora partiu de sua indignação de perceber que as categorias oferecidas pela descrição linguística não eram suficientes para descrever e explicar a fala da criança.

Cabe ressaltar que ao recusar os enunciados da criança como evidência de conhecimento categorial da língua e eleger o diálogo como unidade de análise na aquisição da linguagem, Lemos não só torna a interação, enquanto atividade conjunta entre o outro-falante e a criança, condição necessária para a aquisição de linguagem como apresenta uma alternativa à noção de desenvolvimento.

Para finalizar, destacamos que, embora a proposição de Lemos tenha passado por reformulações, não houve mudança nos pressupostos teóricos de sua proposta, pelo contrário, tanto a formulação de processos dialógicos e de processos metafóricos e metonímicos e, depois, a visão estrutural da mudança de posição da criança em uma estrutura, quanto a noção de captura da criança e a concepção de sujeito como efeito da linguagem mantiveram o diálogo como unidade de análise e a interação como condição para a aquisição de linguagem, o que fortalece a proposta da autora.

Sendo assim, a teorização interacionista manteve-se coerente e ajudou a responder, conforme Maldonade (2014, p. 4765), “sobre o singular e o universal (geral) num mesmo modelo teórico”, o que faz do interacionismo uma contribuição inédita não só para o campo da aquisição de linguagem, como para outras áreas, como a Fonoaudiologia e a Educação, por exemplo.

Assim, “ser” investigador da linguagem significa definir um posicionamento linguístico e estar disposto a avançar em suas ideias para responder às questões que surgem ao longo das investigações, o que pode demandar reformulações do posicionamento assumido.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, G. M. M. *Erro de pessoa: levantamento de questões sobre o equívoco em aquisição da linguagem*. 1995. 161f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1995.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. 21.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

LACAN, J. A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. 3.ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 223-259.

LEMOS, C. T. G. Sobre a Aquisição da Linguagem e seu Dilema (Pecado) Original. *Boletim da ABRALIN*, 3.ed. Recife: Editora Universitária da Universidade Estadual de Pernambuco, 1982. p. 97-126.

LEMOS, C. T. G. Uma abordagem sócio-construtivista da aquisição de linguagem: um percurso e muitas questões. *Anais do I Encontro Nacional sobre Aquisição de Linguagem*, CEAAL, PUCRS, 1989. p. 1-14.

LEMOS, C. T. G. [1992] Os Processos Metafóricos e Metonímicos como Mecanismos de Mudança. *Substratum/ Artes Médicas*, v. 1, n. 3, p. 151-172, 1998.

LEMOS, C. T. G. Sobre a aquisição da escrita: algumas questões. In: ROJO, R. *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p. 8-18.

LEMOS, C. T. G. Sobre o “Interacionismo”. *Revista Letras de Hoje*, v. 34, n. 3, p. 11-16, set. 1999.

LEMOS, C. T. G. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. V *Encontro Nacional sobre Aquisição de Linguagem*, PUCRS, 2000a. p. 1-9.

LEMOS, C. T. G. Desenvolvimento da Linguagem e Processo de Subjetivação. *Revista Interações*, v. V, n. 10, p. 53-72, jul/dez. 2000b.

LEMOS, C. T. G. Sobre fragmentos e holófrases. In: *COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP*, 3., 2001, São Paulo. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032001000300005&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300005&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 30/09/2021.

LEMOS, C. T. G. Das Vicissitudes da Fala da Criança e sua Investigação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: IEL/Unicamp, n. 42, p. 41-69, 2002.

LEMOS, C. T. G. Da angústia na infância. *III Jornada de Psicanálise com Crianças de Americana*: São Paulo, 2007. p. 1-10.

LEMOS, C. T. G. A criança e o linguista: modos de habitar a língua?. *Estudos Linguísticos*, v. 43, p. 954-964, mai./ago. 2014.

LEMOS, M. T. G. *A língua que me falta*: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2002.

LIER-DE VITTO, M. F.; CARVALHO, G. M. M. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. (org.). *Teorias de aquisição da linguagem*. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2008. p. 115-146.

MALDONADE, I. R. Universal e singular: instâncias da língua na fala da criança. In: DA HORA, D. et al. (orgs.). *ALFAL 50 anos: contribuições para os estudos linguísticos e filológicos*. João Pessoa: Ideia, 2015. p. 4761-4771.

Recebido em 11 de janeiro de 2022.

Aprovado em 17 de março de 2022.

